

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

CRISLAINE SOUZA RODRIGUES

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PANDEMIA: desafios e perspectivas

**Aracaju – SE
2022.2**

CRISLAINE SOUZA RODRIGUES

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PANDEMIA: desafios e perspectivas

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof. MsC. Carla Daniela Kohn.

**Aracaju – SE
2022.2**

Biblioteca FAMA

R696a Rodrigues, Crislaine Souza
Alfabetização e letramento na pandemia : desafios e perspectivas / Crislaine Souza Rodrigues ; orientação [de] Prof.^a MsC. Carla Daniela Kohn – Aracaju : FAMA, 2022.

24 f.

Artigo científico – Faculdade Amadeus

Inclui bibliografia.

1. Alfabetização. 2. Pandemia. 3. Professoras. I. Kohn, Carla Daniela. (orient.). II. Faculdade FAMA. III. Título.

CDU: 372.41

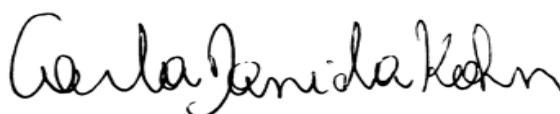
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PANDEMIA: desafios e perspectivas

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Banca Avaliadora



Coordenador do Curso MsC. Williams dos Santos



ORIENTADORA MsC. Carla Daniela Kohn



AVALIADORA Dra. Áurea Machado de Aragão



AVALIADORA Dra. Tâmara Regina Reis Sales

Avaliação Final: 9,5 (nove e meio)

Aprovada em: Aracaju 10/09/2022

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PANDEMIA: desafios e perspectivas

* Crislaine Souza Rodrigues¹

RESUMO

Partindo da realidade educacional que se estabeleceu durante a pandemia, esta pesquisa enfoca os desafios e as perspectivas da alfabetização e do letramento neste cenário. Tendo como principal referencial os pressupostos teóricos de Soares (2006), Ferreiro (2001) e Kleiman (1995), buscou-se entender a pandemia e a alfabetização. Para isso, foi feito um estudo de caso por meio de entrevistas realizadas com três professoras alfabetizadoras de uma escola da rede particular em Aracaju/SE. Através dos relatos das professoras, objetivou-se identificar quais os desafios de alfabetizar no contexto das aulas remotas propiciadas pela pandemia, bem como as perspectivas destas alfabetizadoras perante o desenvolvimento de seus alunos no retorno às aulas presenciais. Os resultados obtidos evidenciaram o grande despreparo tecnológico que a comunidade escolar brasileira vive, a ausência de investimento das instituições escolares em formação continuada, a insuficiente parceria escola/família no processo fundamental que é a alfabetização e a necessidade de um suporte psicológico para todos os envolvidos.

Palavras-chave: Alfabetização. Pandemia. Professoras.

ABSTRACT

Starting from the educational reality that was established during the pandemic, this research focuses on the challenges and perspectives of literacy and literacy in this scenario. Having as main reference the theoretical assumptions of Soares (2006), Ferreiro (2001) and Kleiman (1995), we sought to understand the pandemic and literacy. For this, a case study was carried out through an interview with three literacy teachers from a private school in Aracaju/SE. Through the teachers' reports, the objective was to identify the challenges of becoming literate in the context of remote classes provided by the pandemic, as well as the perspectives of these literacy teachers regarding the development of their students in the return to face-to-face classes. The results obtained showed the great technological unpreparedness that the Brazilian school community lives, the lack of investment by school institutions in continuing education, the insufficient school/family partnership in the fundamental process that is literacy and the need for psychological support for all involved.

Keywords: Literacy. Teachers. Pandemic.

* Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Amadeus - FAMA. e-mail: criissouza.ccgcs@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Diante da crise gerada no mundo devido à pandemia de COVID-19 muitos setores foram afetados, inclusive o da educação, que sofreu grandes impactos e teve que buscar maneiras para se reinventar e garantir que, mesmo em condições adversas os alunos não fossem privados do acesso a um direito fundamental que é a educação. Segundo o artigo 205 da Constituição Federal (1988, p. 123) a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família, onde será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Uma das áreas da educação que mais se viu desafiada diante do ensino remoto e do isolamento social, foi o ensino fundamental nos anos iniciais e a educação infantil, principalmente no que se refere ao processo de alfabetização e letramento. Tendo em vista que a alfabetização é algo extremamente importante para o desenvolvimento de qualquer pessoa. Saber ler e escrever é fundamental para que o indivíduo consiga encontrar o seu lugar no mundo. Nessa perspectiva, a alfabetização é o processo de aprendizagem no qual se desenvolve a habilidade de ler e escrever, já o letramento desenvolve o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais. De acordo com Soares (2004), esses conceitos devem ser trabalhados com base na clareza dos seus significados e da sua importância, para que se consiga alcançar o sucesso educacional.

Com isso, esta pesquisa enfoca a importância do processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por conseguinte, adotou-se como problema de pesquisa: quais os desafios e perspectivas da alfabetização no cenário pandêmico?

E, para tanto, foi estabelecido como objetivo geral analisar os desafios e perspectivas da alfabetização no cenário de pandemia e como objetivos específicos entender a pandemia e a alfabetização, identificar os desafios enfrentados pelos docentes da alfabetização durante a pandemia da COVID-19 e compreender as perspectivas dos professores alfabetizadores num cenário pandêmico.

O desejo de pesquisar tal temática intercorreu da consciência da necessidade de aprofundar a discussão sobre os desafios enfrentados na alfabetização durante a pandemia, principalmente sob a perspectiva docente, de

maneira que presenciei a realidade de algumas salas de aula em um período tão atípico e pude vivenciar inúmeras dificuldades no processo de alfabetização.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi de abordagem qualitativa de cunho exploratório, utilizando como primeiro método o estudo bibliográfico seguido de um estudo de caso e entrevista com três professoras alfabetizadoras de uma escola particular situada em Aracaju/SE.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Alfabetização e Letramento: conhecendo os conceitos

A alfabetização associada ao letramento é um processo de valor imensurável na vida do aluno, tendo em vista que através da aquisição destes dois processos, o educando consegue não somente ler e escrever, mas sim construir um conhecimento de caráter social, cultural e educacional. Muitos são os autores que discorrem em torno da alfabetização, dentre eles destacam-se algumas concepções.

De acordo com Soares (2006, p.15): "Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita [...]. A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas". Nessa perspectiva, a alfabetização está associada ao decodificar, mas no contexto do letramento veremos que vai muito além da decodificação.

Já para Kramer (1986, p.17), a alfabetização "vai além do saber ler e escrever inclui o objetivo de favorecer o desenvolvimento da compreensão e expressão da linguagem". Nesta perspectiva, o foco está na compreensão, pois é preciso entender cada elemento.

No que se refere a alfabetização e sua importância social a UNESCO conceitua a alfabetização como:

[...] conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação; em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. A Alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante a vida (UNESCO, 1999, p. 23).

Desse modo, podemos observar que a alfabetização se distanciou do conceito de simplesmente decodificar, é preciso compreender o que se lê e,

principalmente, aplicar nas práticas sociais. Neste contexto, surge a perspectiva do letramento, levando em consideração o fracasso que muitas vezes é encontrado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo em vista que muitos alunos aprendem a ler e a escrever, mas não conseguem interpretar o que foi lido.

De acordo com Soares (2011, p. 29) o termo letramento é uma tentativa de tradução do inglês *Literacy*, significando “o estado ou a condição de se fazer usos sociais da leitura e da escrita”. Nota-se que o letramento traz um significado para o que se aprende no processo de alfabetização, pois é nesse momento que aluno consegue aplicar de maneira significativa o que aprendeu.

Num sentido mais amplo, segundo Kleiman (1995, p. 18): "Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos, para objetivos específicos". Desta maneira, é atribuída à escrita um caráter social, pois através dela alcançamos objetivos e promovemos a comunicação.

Com isso, Almeida e Farago (2014, p. 205) ressaltam que o letramento "designa na ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita, inicia-se um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita em diversas situações sociais".

Em consonância com os conceitos descritos acima, infere-se que alfabetização e letramento são processos distintos, mas inseparáveis, visto que um precisa suceder o outro. De acordo com Rios e Libâneo (2009, p. 33) “a alfabetização e o letramento são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos”. Nessa perspectiva, surge o desafio de alfabetizar letrando, ou seja, trabalhar a leitura e a escrita dentro do contexto das práticas sociais. Sob esse viés Soares (2020) em entrevista *on-line* defende o “alfalettrar”:

O que temos chamado alfalettrar significa que a alfabetização não pode dissociar-se da convivência da criança com os usos sociais da escrita, em diferentes gêneros e diferentes portadores de texto, e de ações planejadas para o desenvolvimento das habilidades para a prática eficiente de usos sociais da escrita. Em síntese, os processos de alfabetização e letramento não devem dissociar-se, a criança se alfabetiza e se letra de forma simultânea. Por isso, temos denominado nossa ação educativa no ciclo de alfabetização e letramento de ALFALETRAR (SOARES, 2020, *on-line*).

Diante do exposto, fica evidente que a alfabetização e o letramento acontecem no entorno das práticas sociais, até mesmo fora da escola, onde o contato

com os diferentes tipos de gêneros textuais e suas funcionalidades acontece de maneira corriqueira. Neste sentido, Ferreiro (2001, p. 64) destaca: “Estamos tão acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo de aprendizagem escolar que se torna difícil reconhecermos que o desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes da escolarização”.

2.2 Pandemia e Educação

Em março de 2020 toda sociedade foi surpreendida com o impacto da pandemia da COVID-19, que se trata de uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de contaminação global.

Nessa situação, a OMS (Organização Mundial da Saúde) determinou medidas de enfrentamento ao vírus que se alastrou por todo o mundo, a principal medida adotada foi o isolamento social que por consequência tirou todos os alunos do ambiente escolar. Com o objetivo de abrandar os impactos no ano letivo, surge então, o Ensino Remoto Emergencial, que se trata de uma estratégia didática e pedagógica criada para diminuir os impactos do isolamento social na aprendizagem.

Sendo assim, as aulas remotas tornaram-se possíveis através da portaria nº 343 de 17 de março de 2020, revogada posteriormente pela portaria nº 544 de 16 de junho de 2020, promulgada pelo Ministério da Educação que orientava a substituição das aulas presenciais por aulas remotas ou em plataformas digitais, no tempo que perdurar a pandemia do coronavírus- COVID-19. Conforme art. 1º, de caráter excepcional, autoriza a substituição das disciplinas presenciais, por aulas remotas que utilizem tecnologias digitais e de comunicação seguindo limites da legislação em vigor (BRASIL, 2020).

O ensino fundamental de maneira remota surpreendeu a todos, visto que esta fase do ensino está sempre muito ligada ao contato presencial e a interação. Porém tal estratégia já estava prevista até mesmo em lei, como destaca o parágrafo 4º do art. 32 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB) define que “O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. (BRASIL, 1996, p. 12).

A adoção do ensino remoto emergencial veio para modificar o modelo de ensino tradicional, haja vista que passado o cenário de pandemia, as metodologias

terão sido reinventadas, os planejamentos levarão em consideração as tecnologias de comunicação e informação de modo a favorecer a aprendizagem significativa do aluno. Com isso, Ries, Rocha e Silva (2020) descrevem que, no cenário atual ensinar e aprender, requer o repensar no fazer pedagógico e enfrentamento de desafios de forma corresponsável na construção do processo de ensino e aprendizagem.

2.3 Desafios e Perspectivas de alfabetizar letrando durante a pandemia

Nesse contexto adverso, surgem então novos desafios para os docentes, desafios ainda maiores para quem trabalha com a alfabetização. Os professores tiveram que adaptar seu planejamento de forma repentina, além de ter que passar a utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como meio de transmissão das aulas.

TICs é um conjunto de recursos tecnológicos que, se estiverem integrados entre si, podem proporcionar a automação e/ou a comunicação de vários tipos de processos existentes nos negócios, no ensino e na pesquisa científica, na área bancária e financeira, etc. (OLIVEIRA; MOURA, 2013, p. 89).

Muito antes da pandemia, alguns autores já defendiam a aproximação do professor com o uso das TICs, visto que estas ferramentas poderiam ampliar o acesso dos alunos a diferentes tipos de aprendizagem, de maneira interativa e dinâmica. De acordo com Moran (1999, p.08)

Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário conseguirá dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A Internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensino e de aprendizagem.

Além do mais, é evidente que atualmente as crianças já nascem em contato direto com as tecnologias, seguindo essa lógica a educação não deve desconsiderar a proposta de reformular suas metodologias, ainda mais no cenário de pandemia.

A incorporação das TICs deve ajudar gestores, professores, alunos, pais e funcionários a transformar a escola em um lugar democrático e promotor de ações educativas que transcenda os limites da sala de aula, instigando o educando a ver o mundo muito além dos muros da escola, respeitando constantemente os pensamentos e princípios do outro. O professor deve ser capaz de reconhecer as diferentes

maneiras de pensar e as curiosidades do aluno sem que haja a imposição do seu ponto de vista. (OLIVEIRA; MOURA, 2013, p.81)

Posto isto, torna-se imprescindível a formação continuada para os profissionais da educação, de maneira que os docentes possam estar munidos de conhecimentos para lidar com situações inesperadas, como é a pandemia, fazendo com que o processo de ensino e aprendizagem das crianças não seja prejudicado.

De acordo com Christov (1998, p. 44), “A formação continuada se faz necessário para atualizarmos nossos conhecimentos, principalmente analisarmos as mudanças que ocorrem em nossa prática, bem como para atribuímos direções esperadas a essas mudanças”. Em contrapartida, uma situação como a pandemia em que as medidas de enfrentamento devem ser imediatas, sabe-se que não houve tempo para capacitar os professores, eles foram aprendendo a lidar com a situação, literalmente na prática.

Além de estarem expostos a uma situação completamente desgastante, os docentes sofreram com impactos financeiros, dada a pressão de ter como responsabilidade lecionar em um cenário tão crítico, eles tiveram que investir em aparatos tecnológicos para dar suporte a sua prática pedagógica. Fato é que, a maneira repentina como tudo aconteceu, abalou emocionalmente e financeiramente a todos.

Em muitos casos, o ERE foi implementado prematuramente, sem a devida formação aos professores, que por sua vez, tiveram que se reinventar da noite para o dia, além de investirem em aparatos tecnológicos necessários para uma aula com a mínima qualidade técnica, pois muitos arcaram com os custos do pacote de internet para ampliar a velocidade de conexão de dados ou compraram computadores com configurações mais avançadas para que, dotados de infraestrutura técnica, pudessem encarar uma jornada de trabalho em que a carga horária escolar é reproduzida em formato remoto (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p. 245)

Outro desafio que surgiu para os docentes da alfabetização durante a pandemia, foi o de estruturar a relação escola-família, visto que o professor passou a mediar as aulas de maneira remota, o papel da família passou a ser mais que essencial durante as aulas remotas, no sentido de acompanhar e orientar os alunos na execução das atividades. Soares (2020) destacou em entrevista *on-line* que o papel do professor se transformou e que a família assumiu um papel de colaboração, posto que um familiar não pode suprir o papel de um professor formado.

Neste contexto de pandemia, que nos obriga a separar as crianças de seus professores e a descaracterizar o *locus* da aprendizagem – não mais a escola, mas o lar – o professor tem de se esforçar para se manter presente por meio de um ensino a distância que possa dar alguma continuidade à aprendizagem a partir de onde o processo foi interrompido, sempre levando em consideração que a criança está em ambiente totalmente diferente do ambiente escolar, e frequentemente inadequado para a realização de atividades escolares [...] O que grande parte das escolas tem feito, no esforço de diminuir os prejuízos dessa interrupção repentina e não prevista das atividades escolares mal iniciado o ano letivo, é persistir em dar continuidade, de alguma forma, dentro das possibilidades e recursos disponíveis nas escolas públicas e nas redes públicas de ensino, ao ensino interrompido, por meio de um ensino a distância, solicitando para isso a colaboração das famílias. (SOARES, 2020, *on-line*)

Para além do desafio de estreitar a relação família-escola, emerge também o desafio de lidar com os alunos que não têm acesso às TICs e por consequência necessitam de novas metodologias para garantir a aprendizagem. O envolvimento dos pais na educação das crianças é defendido por Spodek e Saracho (1998, p. 167):

O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal [...]. Quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e as aprendizagens na escola e em casa possam se complementar mutuamente.

Somado a todos desafios e perspectivas citadas acima, a pandemia expôs uma situação que já era grave em nosso país, a exclusão digital e a falta de acesso a mídias sociais. Tal situação dificultou o contato dos professores com os seus alunos durante o isolamento social, bem como o acesso do aluno às atividades que promovessem uma aprendizagem significativa. Com isso, Sorj argumenta que a exclusão digital representa uma dimensão da desigualdade social, pois, “ela mede a distância relativa do acesso a produtos, serviços e benefícios das novas tecnologias da informação e da comunicação entre diferentes segmentos da população” (SORJ, 2003, p. 62).

Os professores foram desafiados a pensar, organizar, estruturar, planejar e adaptar atividades que garantam a execução do processo de alfabetização e do letramento, durante uma pandemia cheia de contextos adversos. Para que este desafio fosse superado, ficou nítida a necessidade da participação da família, da formação continuada e da inclusão digital.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com a metodologia definida no início desta pesquisa, foi feito um estudo de caso por meio de entrevista realizada com três professoras do 1º ano do ensino fundamental de uma escola particular em Aracaju/SE. A fim de preservar as identidades dos integrantes da pesquisa fez-se uso de pseudônimos (Ana, Júlia e Larissa) para representá-las.

A primeira pergunta foi relacionada a formação acadêmica, o tempo de experiência e em qual série está lecionando. Para tal questionamento foram obtidas as seguintes respostas:

- **Ana:**

“Eu me formei em Pedagogia e sou pós-graduada em Neuropsicopedagogia. No final de 2017 comecei a lecionar na Educação Infantil. Atualmente sou professora do 1º ano dos anos iniciais.”

- **Júlia:**

“A minha formação acadêmica promoveu conhecimento teórico e práticas pedagógicas de suma importância para a vida futura do pedagogo. Minha experiência profissional possui 4 anos em rede privada. Atualmente leciono em turma de 1º ano na rede privada.”

- **Larissa:**

“Sou formada em Pedagogia, com Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Especialização em LIBRAS/Português Escrito. Possuo 20 anos de experiência na área educacional, todos esses anos lecionando com alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. No momento, estou atuando na turma do 1º ano do ensino fundamental I.”

Diante das respostas, pode-se constatar que as professoras entrevistadas estão de acordo com a Lei nº 9.394/96, pois as três são licenciadas em pedagogia e possuem experiência profissional. Segundo o artigo 62 da referida lei (Lei de Diretrizes e Bases da Educação):

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, 1996, p.41)

Além disso, as docentes relataram um fato importante que é a busca pela formação continuada, visto que com as demandas atuais da nossa sociedade, torna-se imprescindível a aquisição de conhecimentos e aperfeiçoamento de técnicas pedagógicas. Conforme Mizukami et. al (2002, p. 28):

A Formação continuada busca novos caminhos de desenvolvimento, deixando de ser reciclagem, como preconizava o modelo clássico, para tratar de problemas educacionais por meio de um trabalho de reflexividade sobre as práticas pedagógicas e de uma permanente (re)construção da identidade docente.

Seguindo a entrevista, foi perguntado como os alunos tiveram acesso às atividades durante a pandemia? As respostas foram as seguintes:

- **Ana:**

“Durante a pandemia houve várias modificações para se adaptar ao novo momento de ensino. Os alunos tiveram acesso as atividades presencialmente com a capacidade reduzida de crianças na sala de aula e com todas as medidas de proteção, além disso foram ofertadas aulas *on-line* e para àqueles que não tinham acesso à internet foram disponibilizadas atividades impressas.”

- **Júlia:**

“Durante a pandemia, os alunos da rede privada tiveram acesso as aulas por meios da *Plataforma Plural* e via *MEET* com atividades e aulas gravadas.”

- **Larissa**

“As aulas eram remotas, com atividades na *Plataforma Plural* e atividades impressas, onde estas eram retiradas na escola pelos pais dos alunos.”

Com isso, nota-se que a instituição em que as professoras lecionam ofertou o Ensino Remoto Emergencial. Sobre esta modalidade de ensino, Arruda afirma que:

a educação remota on-line digital se diferencia da Educação a Distância pelo caráter emergencial que propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial (ARRUDA, 2020, p. 265).

Outra alternativa citada pelas professoras com vistas a diminuir os impactos do isolamento social na educação, foi a oferta de atividades impressas para os alunos que não tinham acesso à internet.

O terceiro questionamento foi sobre a possibilidade de desenvolver atividades voltadas para o processo de alfabetização e letramento durante a pandemia e, se caso tenha sido desenvolvido, que relatassem quais os tipos de atividades ou estratégias conseguiram desenvolver. As respostas foram:

- **Ana:**

“Além do material didático foram utilizadas ferramentas *on-line* para o desenvolvimento da leitura, como jogos, vídeos educativos, slides com fichas de leitura no *Power Point*.”

- **Júlia:**

“Sim, foi possível desenvolver atividades que promoveram a alfabetização, porém de forma limitada, devido ao isolamento social. Foram feitas leituras diárias, atividades de livro e cadernos, jogos pedagógicos e fônicos, etc. A ajuda da família foi de suma importância durante esse processo.”

- **Larissa:**

“Sim, estava lecionando com alunos do 1º ano do ensino fundamental I. Foram desenvolvidas atividades através de vídeo aulas criadas e gravadas por mim, com explicações dos conteúdos, criação de conteúdos no *Power Point* e também atividades impressas. Nas aulas ao vivo, eram realizadas atividades relacionadas a alfabetização e letramento dos alunos.”

Em consonância com o que foi relatado acima, a pandemia trouxe um leque de possibilidades carregadas de desafios, pois o processo de alfabetização exige uma maior interação entre docente e discente, além de uma diversificação dos recursos utilizados. Com relação ao uso tecnologias na educação Sbrogio afirma:

As tecnologias na educação devem servir como “ferramentas”, necessárias, para a melhoria nas condições de ensino, facilitar a mediação do conhecimento, interação entre educador e aluno, elo de união fora do ambiente escolar, melhoria na qualidade do ensino e do conhecimento apresentado em sala de aula, entre outras possibilidades infinitas que a tecnologia pode oferecer à educação (SBROGIO, 2015, p.15).

Desta maneira, foi questionado também, se durante as aulas remotas foi possível consolidar o processo de alfabetização e letramento. As respostas foram:

- **Ana:**

“Para a minoria dos alunos o objetivo da alfabetização foi alcançado. Porém, a grande maioria da turma não teve o mesmo êxito, apresentando bastante déficit de aprendizagem.”

- **Júlia:**

“Sim, porém parcialmente, pois algumas situações impossibilitavam alguns alunos de participarem assiduamente das aulas.”

- **Larissa:**

“Sim, os poucos alunos que foram assíduos tiveram um melhor rendimento. Pois quando voltamos ao presencial, foi nítido que todos que eram frequentes nas aulas e atividades, possuíam um rendimento mais favorável que os que não participava das atividades apresentadas.”

Inferese, que o processo de alfabetização e letramento ocorreu de forma deficiente, pois segundo as respostas das professoras, muitos alunos apresentaram dificuldades em compreender a nova modalidade de ensino em que tiveram que ser inseridos, dado o cenário pandêmico. Além disso, elas relatam que a procura por atividades impressas para quem não tinha acesso à internet foi baixa e a devolução das atividades respondidas também. Sobre o ensino remoto e as desigualdades De Oliveira e Araújo comentam que “mediante as desigualdades sociais representadas pela escassez de recursos digitais, o ensino remoto vem sendo desenvolvido, em sua maioria através de atividades impressas, por ser uma das alternativas mais viáveis e com maior poder de alcance” (DE OLIVEIRA; ARAÚJO, 2020, p. 9).

Quando questionadas sobre o apoio familiar durante as aulas remotas, as professoras responderam que:

- **Ana:**

“Os alunos tiveram apoio familiar, porém alguns de forma inadequada prejudicando o desenvolvimento dos mesmos. Alguns pais respondiam as atividades solicitadas, além de ditarem as respostas quando as perguntas eram feitas pela professora oralmente durante as aulas *on-line*. Apesar desse leque de possibilidades de ensino, houve alunos que se evadiram da escola.”

- **Júlia:**

“Parcialmente sim, nem todos os alunos tiveram suporte familiar em todas as aulas; por diversas vezes o aluno entrava e antes do término da aula saiam, outras vezes não participavam oralmente, não faziam ou respondiam as atividades.”

- **Larissa:**

“Em algumas famílias sim, houve o apoio e em outras não.”

Percebe-se que o apoio familiar ocorreu de forma instável, pois em algumas situações, os pais não contribuíram para aprendizagem do aluno, dando as respostas ou deixando o aluno distante das possibilidades de ensino ofertadas pela escola. Fato é que a pandemia exigiu uma participação mais ativa da família no processo de ensino. A participação direta da família é um dever que está no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), onde em seu Artigo 4º afirma que:

Art. 4º -É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990, p. 01)

Outro questionamento feito às professoras foi se elas consideram que a pandemia do novo coronavírus (COVID-19) e o isolamento social afetaram o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças em processo de alfabetização. Obtive as seguintes respostas:

- **Ana:**

“Sim. O comprometimento dos estudos de maneira remota não é o mesmo que em sala de aula. Muitas crianças se distanciaram da escola ou praticamente não acompanharam os estudos de forma satisfatória. Além disso, a falta de contato com outras crianças fez com que o desenvolvimento afetivo e social fosse afetado de forma negativa, como não saber lidar com determinadas situações que requer o convívio social, trazendo frustrações para os alunos.”

- **Júlia:**

“Sim, muitas crianças não passaram pela fase da educação infantil, chegando ao 1º ano do ensino fundamental sem a base necessária, com dificuldades por não ter tido contato social com pessoas fora do seu convívio familiar e não ter vivenciado situações que promoveriam seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.”

- **Larissa:**

“Sim, as crianças retornaram muito dependentes, sensíveis ao extremo na maneira de agir, inibição nas atividades e nas próprias necessidades.”

Com isso, fica nítido que a falta da interação promovida no convívio das crianças em sala de aula, no contexto do isolamento social, prejudicou o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Sob esse viés, Vygotsky et al. (1988 apud RABELLO e PASSOS, 2018) acredita que as características individuais e até mesmo suas atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com o indivíduo.

Além disso, outro ponto citado pelas professoras foram as questões afetivas que também foram impactadas pela falta de interação social, com isso Wallon defende que o meio social humano tem grande interferência no desenvolvimento.

De acordo com Wallon (1975, p. 165):

O meio não é outra coisa senão o conjunto mais ou menos duradouro de circunstâncias em que se desenrolam existências individuais. Ele comporta evidentemente condições físicas e naturais que, porém, são transformadas pela técnica e pelos costumes do grupo correspondente.

Dando continuidade as indagações, as professoras foram questionadas sobre qual foi seu maior desafio, enquanto alfabetizadoras, durante a pandemia. Elas responderam que foi:

- **Ana:**

“Adaptação do material didático para as aulas remotas.”

- **Júlia:**

“Lidar com a evasão escolar, planejar aulas e não ocorrer como havia pensado, poucos alunos on-line, atividades não concluídas, notas avaliativas abaixo do esperado.”

- **Larissa:**

“O meu maior desafio foi lidar com uma turma que estava iniciando a alfabetização, com crianças que muitas vezes estavam sozinhas na realização das atividades, conseguir que a criança realmente aprendesse.”

Diante do que foi obtido nas respostas, nota-se que não foi ofertada uma formação para que as professoras pudessem lidar com as adversidades das aulas remotas, conforme expõe Cordeiro (2020, p.10) “[...]nem todos os educadores brasileiros, tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisam reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender”. Mesmo com a falta de participação de algumas famílias, como foi relatado, se os professores tivessem munidos de metodologias que aproximassem os alunos dos conteúdos e tornassem a aprendizagem mais significativa, acredita-se que os resultados obtidos nesse período difícil teriam sido menos desastrosos no que diz respeito à aprendizagem e à evasão escolar.

A oitava pergunta foi “Dado o cenário atual, quais são suas perspectivas?”

- **Ana:**

“Depois de 2 anos de pandemia, finalmente as escolas estão sendo preenchidas com a capacidade total de alunos. Estamos recomeçando, e as consequências desse período estão sendo notadas em sala de aula. Os alunos estão apresentando pouco desenvolvimento na leitura, escrita e aspectos sociais.”

- **Júlia:**

“Os alunos voltaram para as aulas presenciais com defasagem escolar, levando o professor a ter que se reinventar e criar possibilidades e estratégias que mudem esse quadro. Trabalhar de forma direta com o aluno, utilizar materiais didáticos além do livro, fazer uso de jogos pedagógicos como forma de atrair a atenção do aluno.”

- **Larissa:**

“Desenvolver nos alunos as necessidades que eles apresentam e que possam estar defasadas devido a pandemia. Trabalhar de maneira que os alunos consigam resgatar as suas perdas e evoluam cada vez mais.”

Um ponto em comum nas respostas das professoras foi a defasagem escolar no retorno às aulas presenciais, fato que coloca mais pressão em cima do professor para que os danos da pandemia sejam reparados o mais rápido possível. Fica evidente que elas desejam minimizar as dificuldades dos alunos, mas para isso é necessário que se busque estratégias para lidar com uma turma que ainda não conseguiu se quer desenvolver a leitura.

Para poder identificar o nível de aprendizagem em que a turma se encontra, vale a pena utilizar a avaliação diagnóstica e dessa maneira planejar estratégias que possam mitigar as dificuldades dos alunos, considerando a individualidade de cada um. Como afirma Melchior (1998, p.74):

Não basta identificar que o aluno não sabe, ou rotulá-lo como aluno fraco, é necessário saber o que cada um não sabe e em que ponto estão aqueles que conseguem acompanhar de forma satisfatória o que está sendo trabalhado.

Por fim, foi aberto o espaço com as seguintes perguntas “Há algo que gostaria de comentar e que eu, como pesquisadora, não perguntei nessa entrevista? Algo que você considere importante registrar e compartilhar enquanto alfabetizadora, para a comunidade acadêmica, especificamente, e para toda comunidade em geral? Use esse espaço para se expressar livremente.”

- **Júlia:**

“O estado mental dos professores e as cobranças dobradas, pois muitos professores não possuíam domínio tecnológico e tiveram que se adaptar a forma como as aulas seriam lecionadas. Muitos professores se sentiram incapacitados por serem taxados com muitas palavras desagradáveis, tendo que correr atrás do conhecimento necessário para continuar trabalhando e se enquadrar no cenário da pandemia e do distanciamento.”

Constata-se que o estado emocional dos professores não foi levado em conta durante a pandemia, tendo em vista que por um lado não houve suporte psicológico, e pelo outro lado, aumentaram as cobranças e não foram propiciadas condições para que os docentes tivessem o mínimo de suporte para tentar lidar com as inúmeras adversidades que a pandemia propiciou.

A instabilidade emocional de todos os envolvidos na aprendizagem (inclusive as famílias dos alunos) torna-se uma prioridade na vida do professor, que passa a deixar o pedagógico em segundo plano em função da melhoria da relação aluno / conteúdos escolares / família / ansiedade. Diante de tal cenário, torna-se evidente como a formação acadêmica do pedagogo não o preparou para lidar com tais desafios e, ao mesmo tempo, como é esperado que esse profissional saiba o que e como fazer seu trabalho em tempo e com qualidade recorde (FIRMINO, 2020, p. 277).

Sendo assim, fica explícito mais uma vez que o caminho para lidar com as adversidades que podem surgir no âmbito educacional é a formação continuada, pois o conhecimento nos prepara para lidar com o que não conhecemos, sem

desconsiderar um suporte psicológico para os profissionais que tanto se doam ao processo majestoso que é alfabetizar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia modificou a estrutura de ensino em todo mundo, trazendo a necessidade de incluir as tecnologias associadas a aprendizagem desde as primeiras etapas escolares, para que em um caso de extrema necessidade, como foi o da COVID-19, em que foi preciso permanecer distante do ambiente escolar, as dificuldades sejam mínimas com relação a lidar com plataformas que ajudam a promover a educação.

De fato, nem a comunidade escolar estava preparada para tantas mudanças, muito menos os alunos e seus familiares, todo esse contexto serviu para evidenciar as lacunas que rodeiam o ensino fundamental, bem como o processo de alfabetização. Os professores se viram extremamente pressionados e sobrecarregados, tendo que se aperfeiçoar por conta própria e continuar entregando resultados satisfatórios, tanto para a família dos alunos como para a gestão escolar.

Nesse contexto, ressalta-se também que independente da pandemia, ter uma família que participa ativamente do processo escolar é algo imprescindível, principalmente numa etapa como a alfabetização em que os estímulos feitos em casa ajudam o aluno a desenvolver muito melhor sua leitura, escrita e interpretação. Como vimos acima, adquirir o processo de alfabetização e letramento está intimamente ligado a aplicação de práticas sociais.

Por isso, a parceria escola e família deve ser buscada desde o início de qualquer etapa escolar, pois ambas entidades devem focar no objetivo de inserir a criança na sociedade com plena capacidade de interpretar o mundo em que está inserido.

Além disso, sabe-se que todo profissional da educação deve estar em constante formação, tendo em vista que a sociedade vive em constante transformação e com isso os alunos se tornam cada vez mais diversos, bem como a forma que cada um aprende. Portanto, as instituições escolares devem promover oportunidades para a formação continuada dos seus colaboradores/professores.

Sob uma perspectiva docente, os desafios da alfabetização num cenário pandêmico foram a falta de conhecimento tecnológico para lidar com ensino remoto e

suas plataformas de ensino, bem como a inexistência de treinamentos para que os professores aperfeiçoassem suas técnicas perante a dificuldade de adaptar materiais e lecionar num ambiente virtual mantendo a qualidade de um ensino presencial. Como foi abordado acima, o apoio familiar também foi um desafio muito grande, além do suporte psicológico para professores e alunos.

Por meio da pesquisa bibliográfica foi possível entender o contexto da pandemia e o que é o processo de alfabetização e letramento. Mas somente, com os resultados das entrevistas realizadas com as docentes foi possível dimensionar os desafios enfrentados para promover a alfabetização na pandemia, também foi possível identificar que os professores têm como perspectivas diminuir a defasagem escolar causada pelo isolamento social e o ensino remoto, buscando identificar as dificuldades individuais de seus alunos e estabelecendo estratégias para desenvolver a leitura e a socialização no retorno presencial.

Levando em consideração as transformações sociais, a pandemia enfatizou também a necessidade de um suporte psicológico tanto para alunos como para os professores em geral, pois em meio a um cenário tão adverso como o pandêmico, as inseguranças e complexidades de cada indivíduo estiveram mais afloradas, fato esse que não contribuiu para uma aprendizagem prazerosa e significativa como deve ser a alfabetização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vanessa Fulaneti; FARAGO, Alessandra Corrêa. A importância do letramento nas séries iniciais, **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro-SP: 204-218, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/26414>. Acesso em: 16 de março de 2022.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.auniredede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>

Acesso em: 10 de junho de 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 24 abr. 2022.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 23 de abril de 2022.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 abr. 2022.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2020.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **Coordenador pedagógico e a educação continuada**. São Paulo: Loyola, 1998.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020. Disponível em: <http://oscardien.myoscar.fr/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20>Acesso em 26 de maio de 2022.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7 (3), p. 27-37, 2020. Disponível em <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924> Acesso em 22 de julho de 2022.

DE OLIVEIRA, Jerffeson Miguel; ARAÚJO, Zilda Tizziana Santos. Desafios e estratégias do trabalho docente no cenário de pandemia. In: **Congresso Nacional de Educação: Educação como (re)Existência: Mudanças, conscientização e conhecimentos**. VII, 2020, Maceió. Anais eletrônicos. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MSA4_I D5142_21082020150801.pdf Acesso em 10 de julho de 2022.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FIRMINO, Mariana de Araújo Roncato. Os desafios do gestor escolar em tempos de aprendizagem remota. Belo Horizonte, **Pedagogia em Ação**, 2020

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado da Letras, 1995.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização**: “Dilemas da Prática”. In: KRAMER, Sonia et al (org). Rio de Janeiro: Ltda., 1986.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação pedagógica**: Função e Necessidade. Porto Alegre: Mercado aberto, 1998.

MIZUKAMI, Maria da Graça N. et. al. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de estudar e de aprender**. 1999. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/uber.pdf Acesso em 22 de junho de 2022.

OLIVEIRA, Cláudio de, MOURA, Samuel Pedrosa. **TIC's na educação**: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. 2013.

Disponível em

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/11019>

Acesso em 25 de junho de 2022.

RABELLO, Elaine.T. e PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. 2018. Disponível em: <http://www.josesilveira.com>

Acesso em 02 de junho de 2022.

RIES, Edi Franciele; ROCHA, Verginia Margareth Possati.; SILVA, Carlos Gustavo Lopes da. Avaliação do ensino remoto de Epidemiologia em uma universidade pública do Sul do Brasil durante pandemia de COVID-19. Ufsm, Santa Maria, p. 1-20, 28 ago. 2020. **FapUNIFESP** (SciELO). Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/scielopreprints.1152>. Acesso em: 29 de março de 2022.

RIOS, Zoé; LIBÂNIO, Márcia. **Da escola para casa**: alfabetização. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SBROGIO, Renata. **Alfabetização e letramento digital**: de alunos e professores. São José do Rio Preto. 2015. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/000226210b33735aa15b4>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos. **Revista Pátio**, ano VIII, n. 29, p. 20, fev/abr. 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** Entrevista no site Futura. 2020. Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 15 de Março de 2022.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SORJ, Bernardo. **brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: Unesco, 2003. Disponível em: https://bernardosorj.org/wp-content/uploads/2021/01/Brasil_@_povo_com.pdf
Acesso em 23 de julho de 2022.

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SZYMANSKI, H. (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 4 ed. **rev. Ampl.** Brasília, DF: Liber Livro, 2010.

UNESCO. **Conferência Internacional de EJA**. Alemanha, Hamburgo, 1999.

WALLON, Henry. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Crislaine Souza Rodrigues, acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientada pela Prof. (a) MsC. Carla Daniela Kohn, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: Alfabetização e pandemia – desafios e perspectivas, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

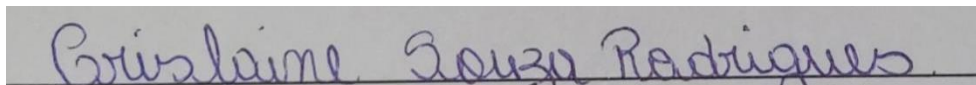
O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 10/ 09/ 2022.



Assinatura da aluna concluinte